

TEXTO PARA CORREIO APPOA março-2017

O nó do amor<sup>1</sup>

Ligia Gomes Víctora<sup>2</sup>

O que eu apresento a vocês hoje é um trabalho em desenvolvimento. Uma questão que ficou a partir dos nossos estudos no Cartelão e no Seminário de Topologia da APPOA, que eu pensei em dividir com vocês, justamente para avançarmos nesta discussão, pois Lacan a deixou em aberto e não foi devidamente desenvolvida depois.<sup>3</sup>

O que eu apelidei de *nó do amor*, seria a maneira de se manterem juntos um homem e uma mulher, ou um casal qualquer de seres. Dois seres heterodoxos, como sujeito e objeto de desejo, que, como *Erastés* e *Eroménon* de Platão, podem trocar de posição um com o outro, num movimento de gangorra – onde: ora um é o amante e idolatra o amado – que fica *se fazendo* – ora é o amado que cai para a posição de apaixonado, suplicante pelo outro. E o que antes amava é agora o amado. Para ilustrar este jogo, Lacan nos deixou esta maravilha que é o *Nó do fantasma* – reapresentado como *Nó da relação sexual*.

A questão é – será que este nó dá conta de uma especificidade que possa, finalmente, justificar ou esclarecer a diferença sexual?

**I. O Instante de ver os nós Borromeus**

Um pouco da história dos nós na trajetória de Lacan. A cadeia borromeana é simplesmente uma *cadeia de três nós livres*. Esta é a definição mais simples e correta. Lacan costumava chamar de *nó borromeu*, ou, carinhosamente, de *nó bo*.<sup>4</sup> Quando de sua apresentação, no Seminário *Ou pior...*<sup>5</sup>, ele relata:

Uma coisa estranha me aconteceu ontem, enquanto que eu me interrogava sobre de que maneira lhes apresentaria hoje a minha geometria da tétrede. Jantando com uma pessoa encantadora que assiste aos cursos de M. Guilbaut, que, como um anel no dedo<sup>6</sup> me presenteou algo que quero lhes mostrar agora. Algo que não é nada menos, parece, que o emblema dos Borromeus.<sup>7</sup>

No início, então, parece que Lacan não sabe bem pra quê iria servir aquilo, mas tem uma intuição de que acabara de descobrir algo maravilhoso, tanto que – mais novidadeiro que mulher com roupa nova – se apressa em exhibir! Como *um anel* – pois é justamente disso que vamos tratar: o nó do fantasma – uma aliança, um elo entre sujeito e objeto do desejo.<sup>1</sup>

Figura 1 – o nó borromeu

<sup>1</sup> Apresentação na Jornada da APPOA em Porto Alegre, outubro de 2012.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro da APPOA; membro da ALI. Responsável pelos Seminários de Topologia da APPOA. E-mail: [ligia@victora.com.br](mailto:ligia@victora.com.br)

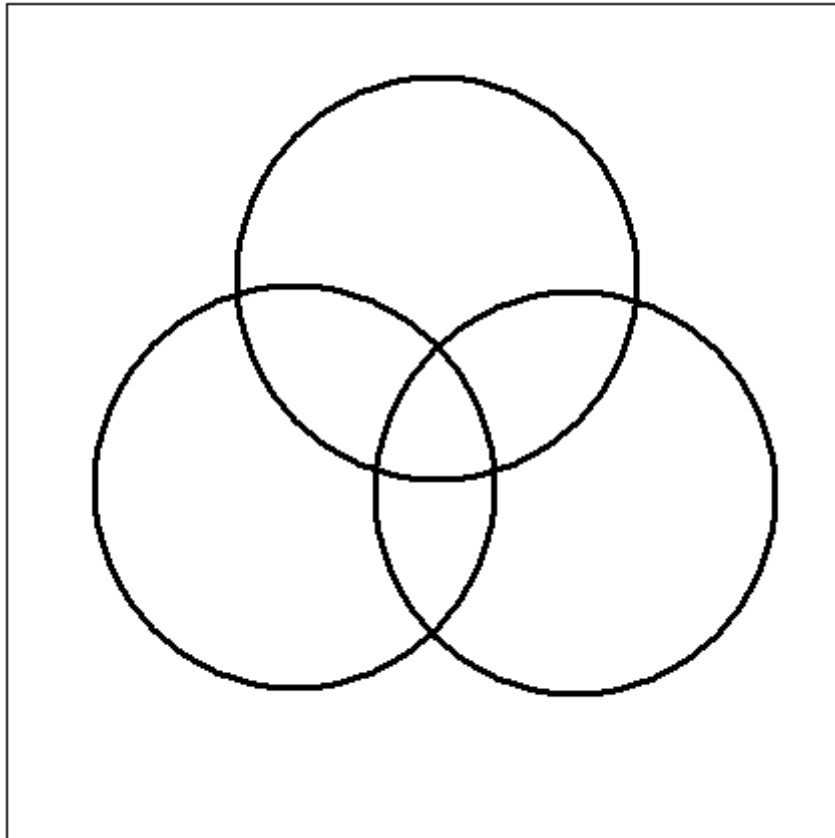
<sup>3</sup> Como foi uma apresentação ao vivo, tentarei ilustrar com muitas figuras, esperando que fique mais inteligível.

<sup>4</sup> *Noeud-beau* (pronúncia *no bô*), em francês significa nó bonito.

<sup>5</sup> Seminário *Ou pire*, lição de 09/02/1972. Leiam a tradução desta aula completa no Correio da APPOA n° 64 (dez.1998).

<sup>6</sup> Como uma luva, a gente diria aqui.

<sup>7</sup> Lacan. 09/02/1972. Tradução livre da autora.



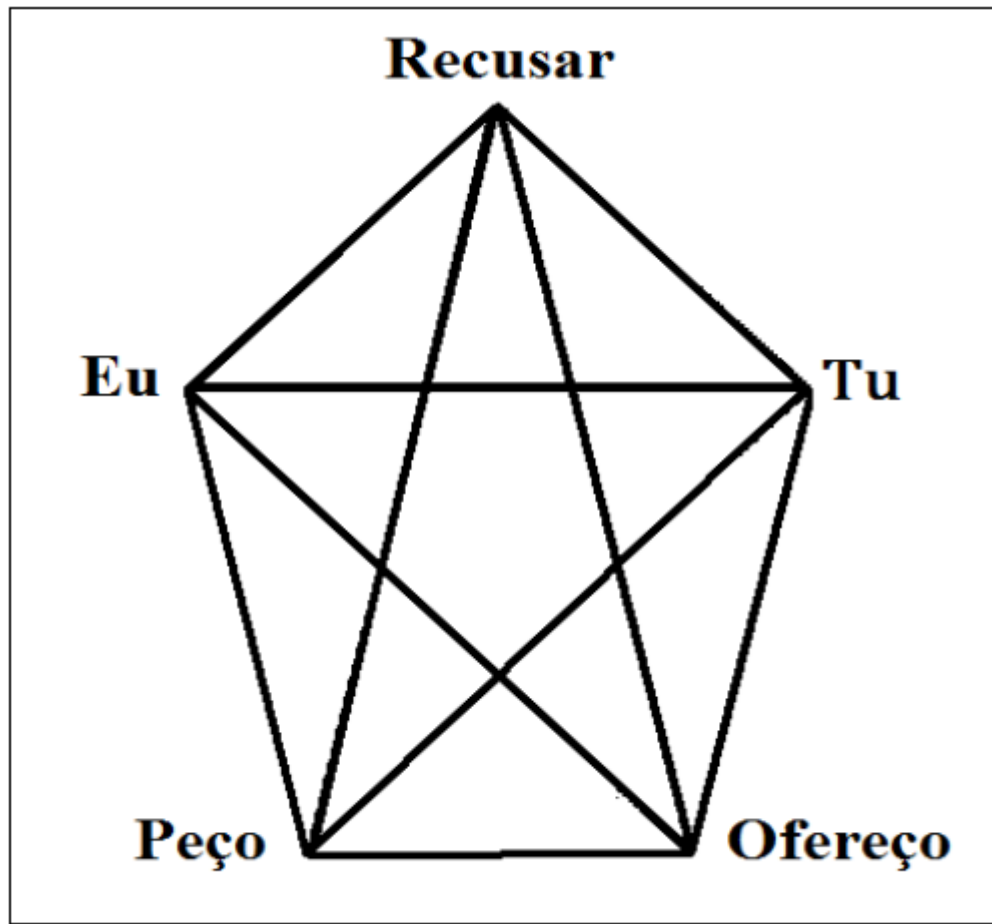
A apresentação foi simples assim. Não fez os cruzamentos, apenas a projeção no plano em  $D^2$ . A questão dele, àquele dia, era sobre a dialética do desejo: – *Eu te peço – que recuses – o que eu te ofereço – porque não é isso.*<sup>8</sup>

A propósito, quando da apresentação do nó, em 1972, Lacan vinha tratando do diálogo de Platão *Parmênides*, sobre o que é do *Um* e o que é do *Outro* – uma *relação entre dois* – mas, nesta aula, ele diz que pretende ilustrar uma operação de *quatro* termos – no entanto, mostra a imagem de um pentágono. Só que, o que queria demonstrar não continha *cinco* elementos – como veremos – contém *mais um*, denegado: o mais importante de todos! O objeto do desejo – “*isso*” – denegado, fica de fora.<sup>9</sup>

Figura 2 – o pentágono

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*. No original lê-se: *Je te demande de me refuser ce que je t'offre parce que c'est pas ça.*

<sup>9</sup> O *Isso*, no centro da figura, não aparece no esquema de Lacan.

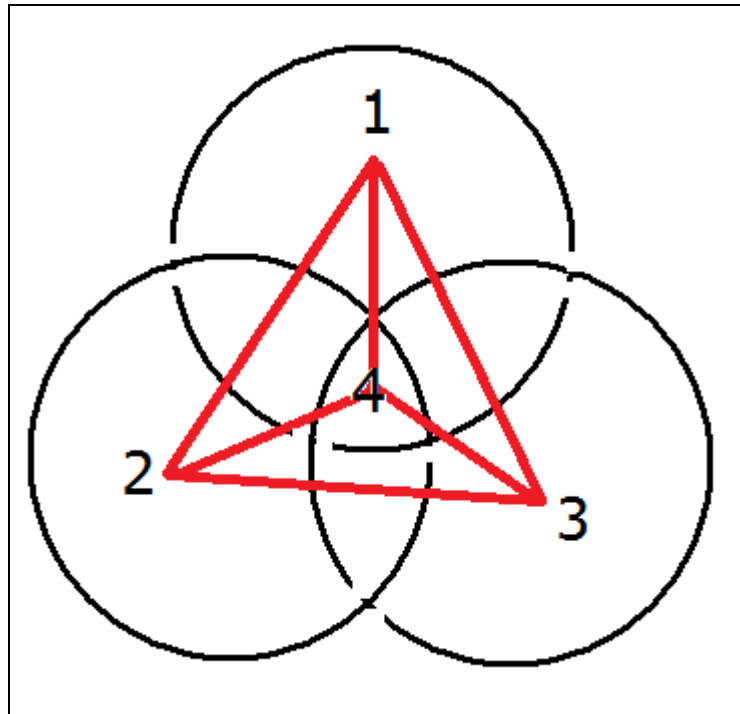


Ora, Lacan utiliza os termos *tétrade* e *quadripoda* – que fazem menção a algo de *quatro* pés – enquanto desenha o quê? – Um pentágono! E eis que aí se atravessa esta maravilha no seu caminho e ele aproveita – embora a cadeia borromeana que apresenta tenha apenas *três* aros e o que ele queria demonstrar era um grupo – conforme ele – de *quatro* – mas que, na verdade, continha cinco e mais um – ou seja, *seis* termos! Então, há um erro nesta conta! Um lapso de Lacan. Podemos ver que, como Freud diria, há uma *tendência à depuração*: de seis passa para cinco termos – pela denegação e recalçamento do objeto (*não é isso*); mas ele afirma que são quatro – os quais pretende reduzir para três; e, no final, sobrarão apenas dois – para o nó da relação sexual. De fazer inveja ao próprio Occan e sua navalha!

Para *encaixar* uma quadra na cadeia a três, Lacan teria de projetar um tetraedro sobre o nó *Borromeu*. Para os que não lembram ou não acompanharam os seminários de Lacan desde o início, isto faz sentido porque toda lógica de Lacan é quaternária (enquanto que a lógica freudiana tinha três termos – Édipo, mãe e pai. *Eu, Isso, Supereu*. Consciente, Inconsciente, **(Sub) Pré-consciente**. Inibição, sintoma e angústia. Amor, ódio, reparação. Privação, frustração, castração, etc... Já Lacan se inspira na teoria ou análise de Grupos, como o *Erlanger Programm* de Felix Klein.<sup>10</sup> Um grupo onde cada termo pode se transformar no outro através de uma operação simples, de giro de 180 graus – que Lacan chama de *rebatimento*. A mesma propriedade que ocorre com a cadeia borromeana: cada círculo pode ocupar o lugar do outro.

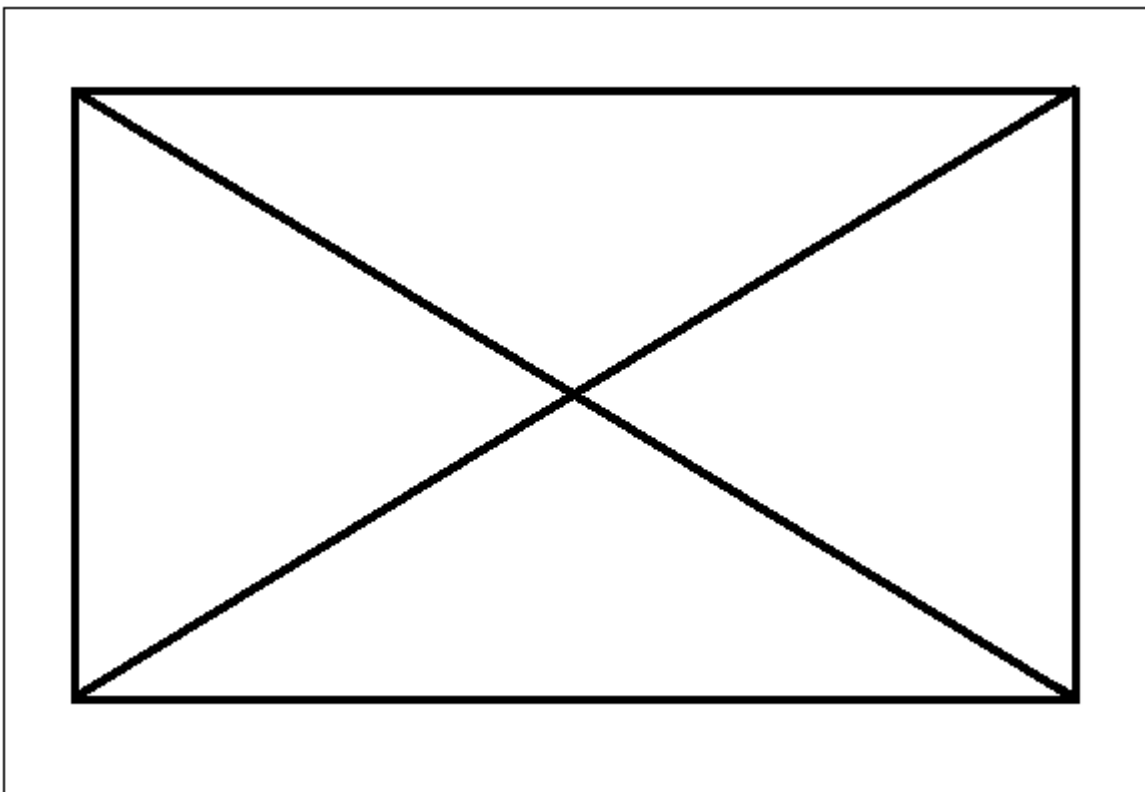
Figura 3 – pirâmide projetada sobre a cadeia borromeana

<sup>10</sup> Felix Klein (1849-1925). Matemático alemão. Contribuições à Teoria dos grupos e à Topologia das superfícies unilaterais (garrafa de Klein).

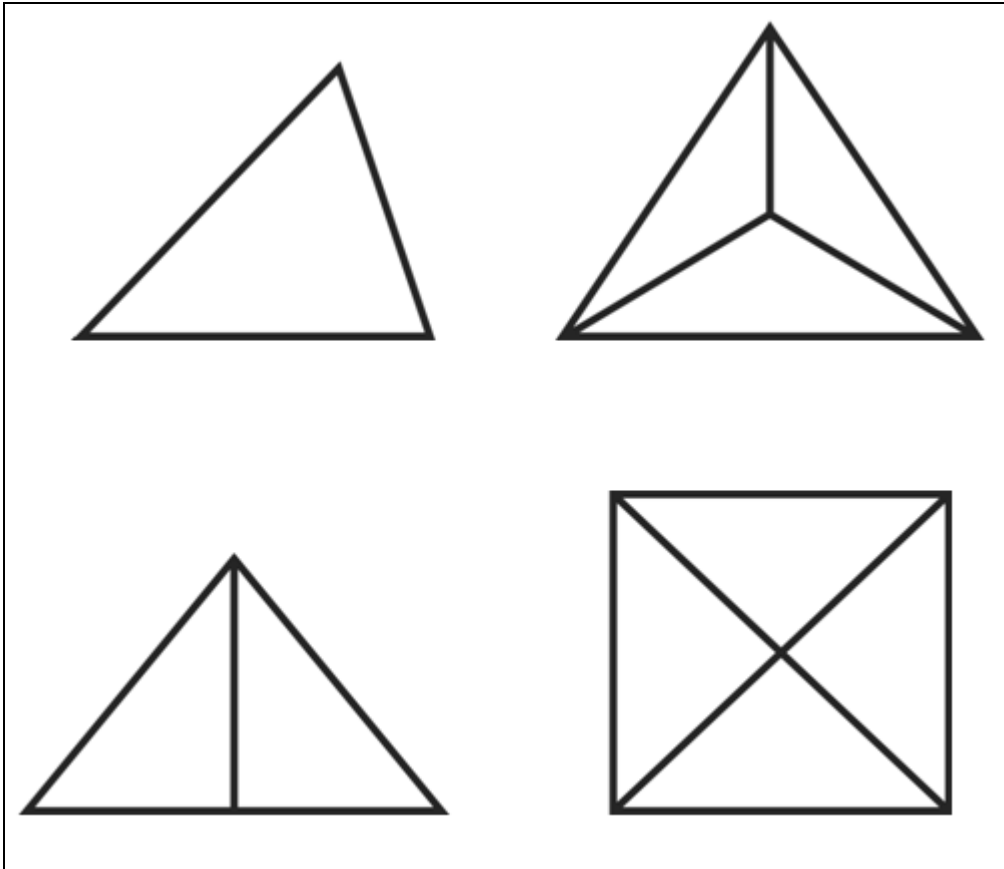


A forma básica dos esquemas tetraédricos (quadrangulares) de Lacan é a de um envelope projetado no plano.

Figura 4 – modelo dos esquemas tetraédricos de Lacan

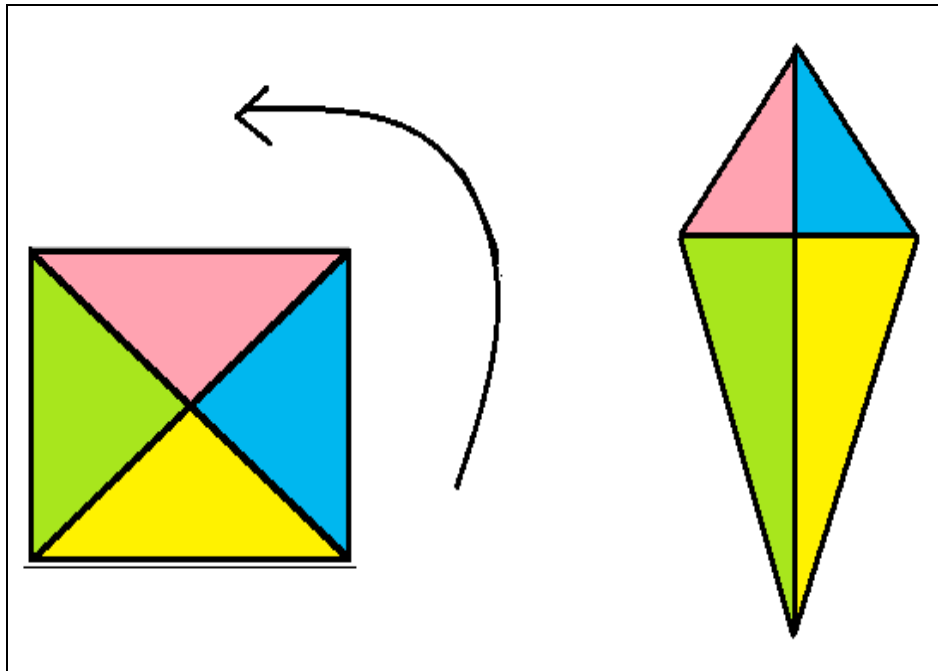


Neste formato – entre outras coisas – ele organiza seus quatro discursos, a lógica da alienação, seus esquemas *L*, *R* e *I*, e as fórmulas da sexuação. Este mesmo tetraedro tem infinitas projeções no plano  $D^2$ .

Figura 5 – projeções do tetraedro no plano  $D^2$ 

Também pode assumir a forma de um *balão de São João* – que é como Lacan (1974) vai trabalhar a passagem do nó às fórmulas da *identificação sexuada*.

Figura 6 – mais projeções do tetraedro



## II. Tempo para compreender...

Um ano se passa desde o lançamento do nó no seminário *Ou pior* (09/02/1972), e Lacan volta com tudo. Durante todo aquele ano – sabe-se pelo relato de testemunhas – ele passou enredado em cordões, e solicitando seus ouvintes matemáticos a todo instante para lhe explicarem questões da Topologia e dos nós.

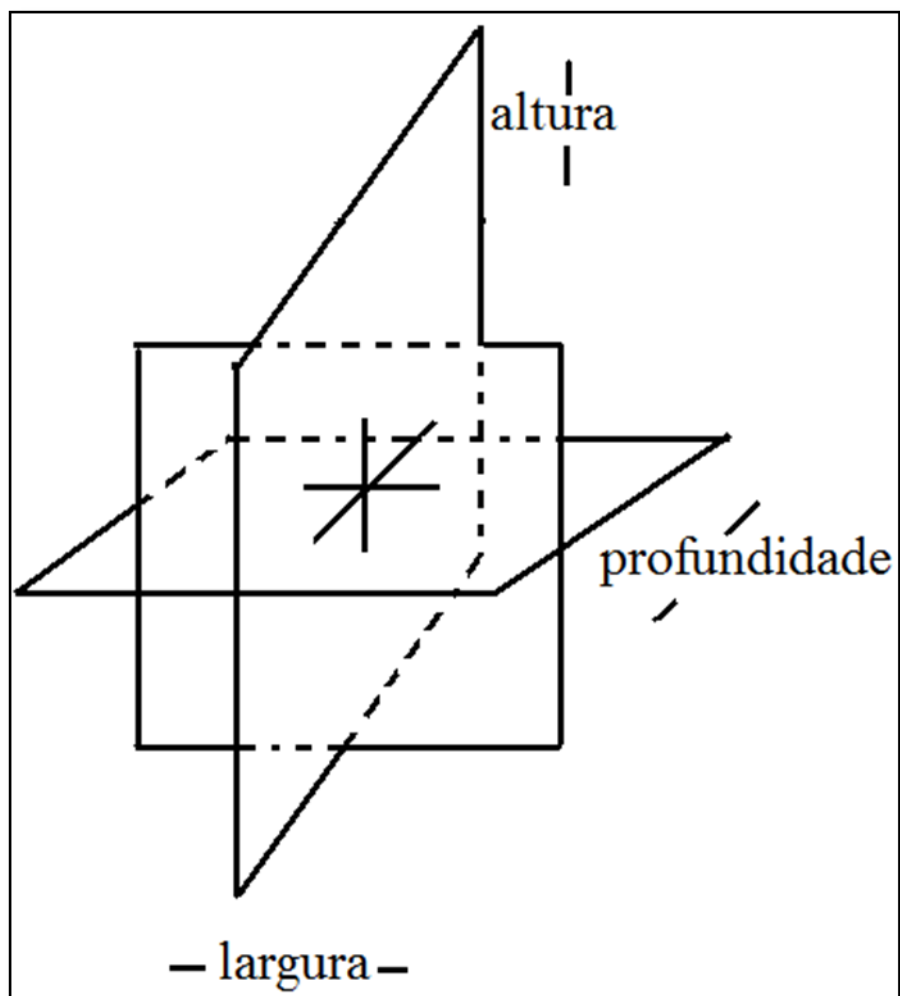
Finalmente, no seminário *Mais ainda*, Lacan (1973) desenvolve a cadeia anunciada, e demonstra que já se preocupava com uma passagem possível entre dimensões <sup>11</sup>.

Como passar da terceira dimensão ( $D^3$ ) para a quarta dimensão ( $D^4$ )? É fácil: basta adicionar a dimensão do *Tempo*. Mas: e para reduzir de quatro para três dimensões? Para dar conta disto, no final deste seminário <sup>12</sup>, ele puxa novamente as coordenadas cartesianas – ora transformadas em cubo, ora em eixos ou bastões.

Figura 7 – coordenadas cartesianas no espaço  $D^3$

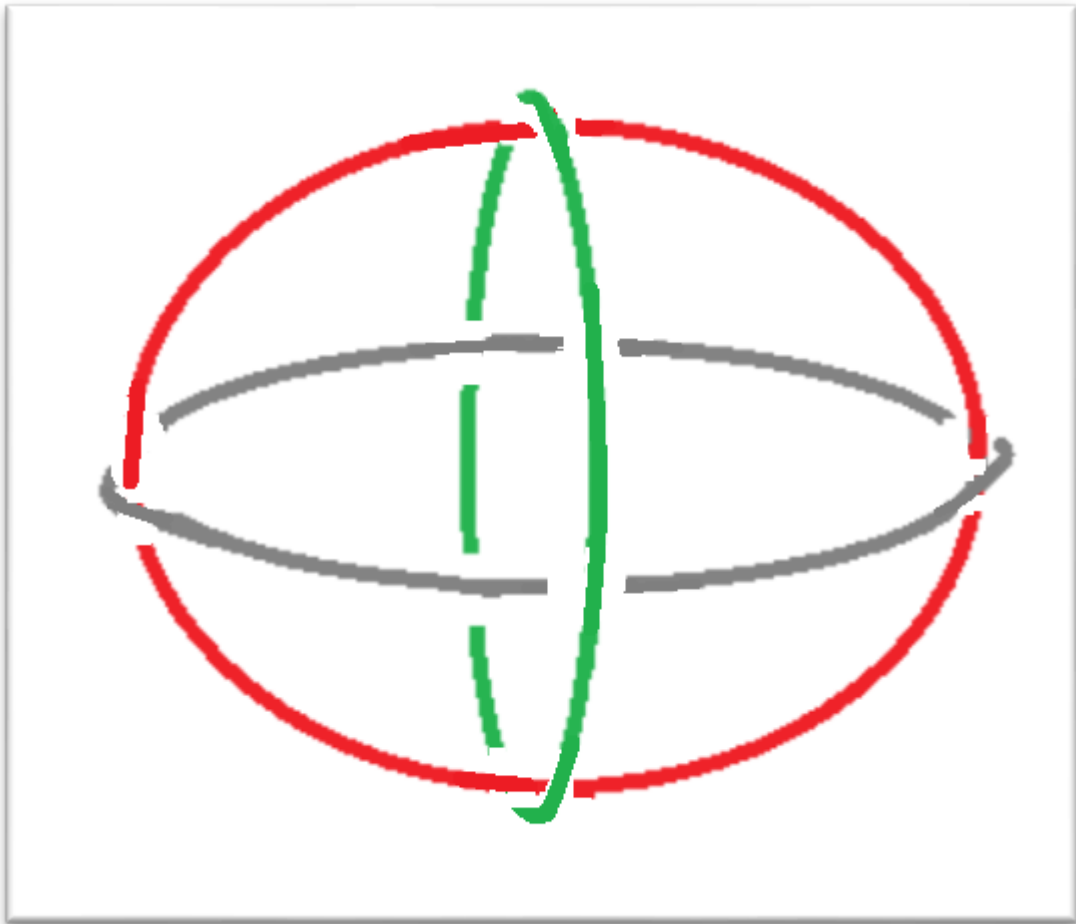
<sup>11</sup> Lacan. Seminário *Encore*, lição de 15/05/1973.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.



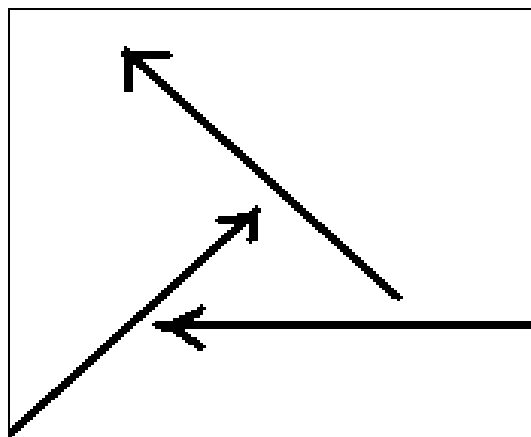
Vejam que os nós podem ser dispostos no espaço conforme as três dimensões do espaço cartesiano – basicamente altura, largura e profundidade.

Figura 8 – cadeia borromeana disposta conforme coordenadas cartesianas



Retornando à relação entre o nó e as fórmulas, que é a nossa questão. Mais um ano se passa e Lacan (1973-74)<sup>13</sup> brinca, então, com trísceles, que ele chama de *triskel*.

Figura 9 – o triskel de Lacan

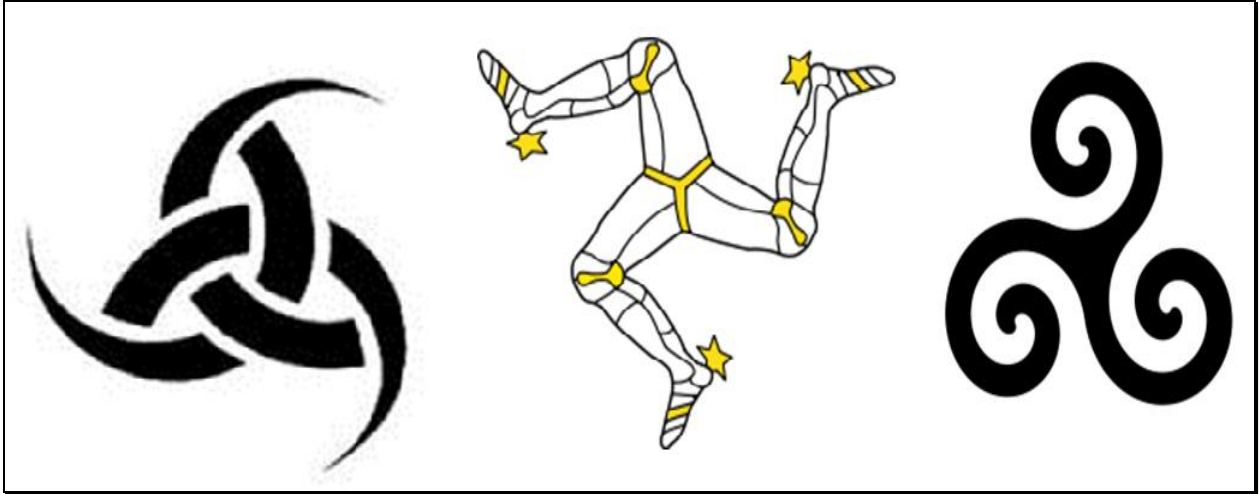


<sup>13</sup> Idem. Seminário *Les non-dupes errent*, lição de 14/05/1974. Versão online disponível no site [www.gaogoa.free.fr](http://www.gaogoa.free.fr)



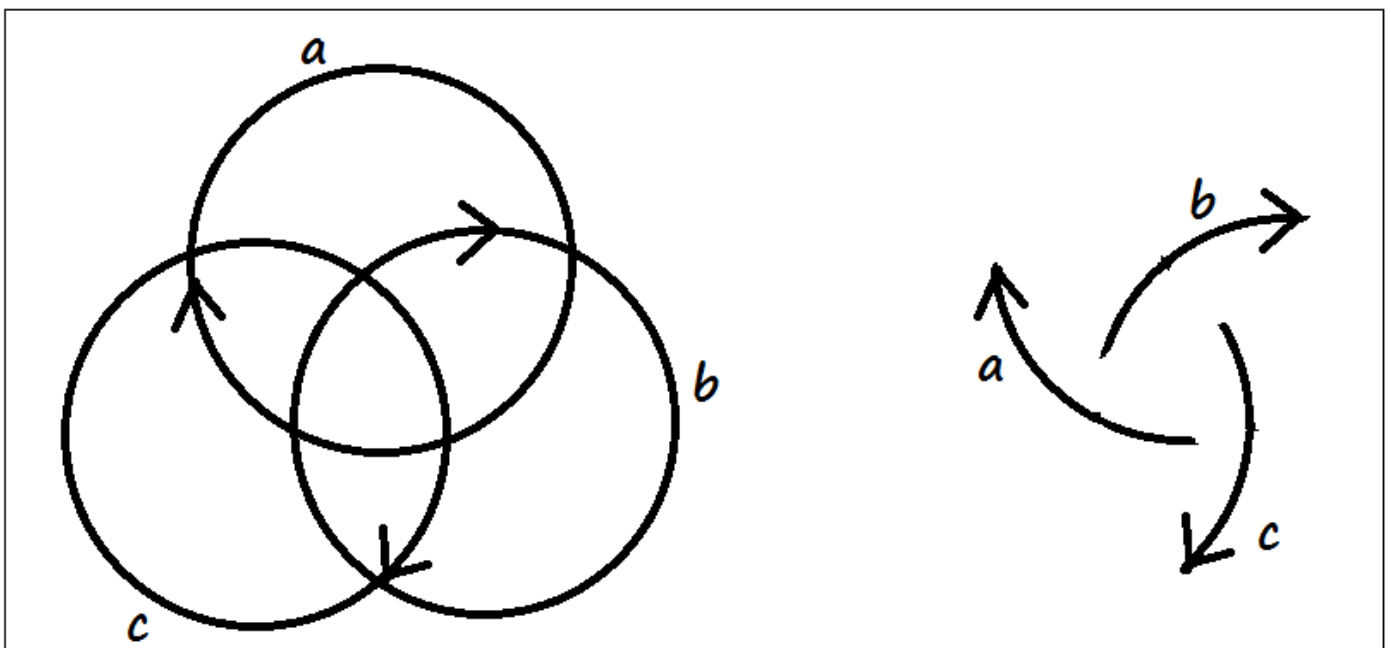
Assim ele apresenta o triskel no seminário *Les non-dupes errent*, lição de 14/05/1974. A orientação só faz sentido se os nós forem projetados no plano.

Figura 10 – outras imagens de trísceles



Um tríscele (do grego *triskelion*) significa "com três pernas". É um símbolo formado por três espirais entrelaçadas, por três pernas humanas flexionadas ou por qualquer desenho similar contendo a ideia de simetria rotacional [Wikipedia]. Trísceles, em diferentes apresentações, constituíram brasões de famílias celtas e foram símbolos de várias culturas europeias e bretãs da antiguidade.

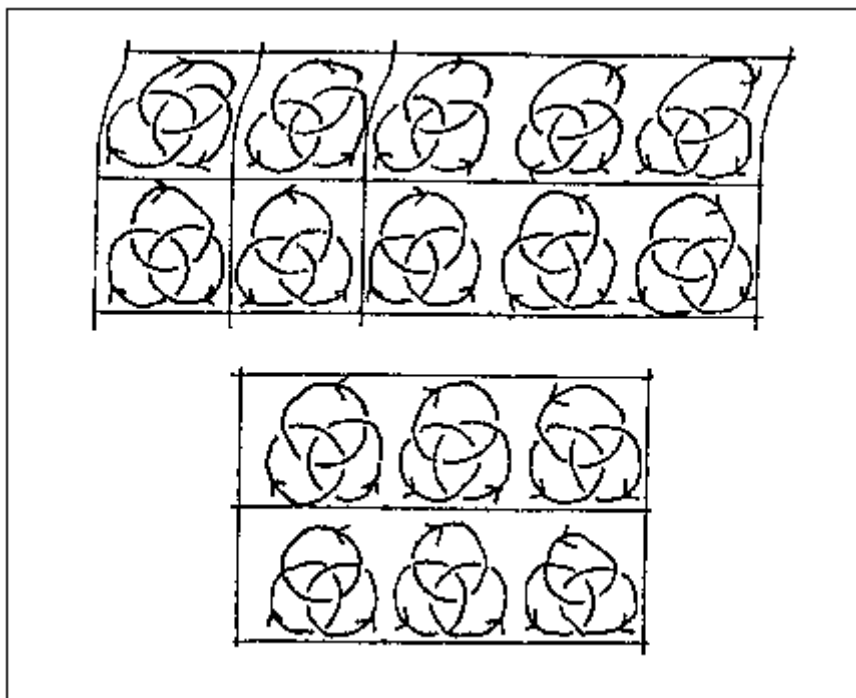
Figura 11 – os giros dos nós



Lacan costuma utilizar trísceles para simbolizar a amarração central da cadeia borromena. Orientando-os com vetores (setas) para direita e esquerda, orientava assim o nó borromeu.

A questão que muitos devem estar se fazendo é: por que Lacan precisa orientar os nós? Seria para *diferenciá-los entre si*? Mas, não é estranho que depois de fazer de tudo para encontrar uma estrutura que desse uma igualdade de condições para os três registros, agora ele tenha de diferenciá-los? E ele vai tentar fazê-lo de toda maneira: vetorizando, colorindo, girando, virando do avesso, espelhando (como no grupo de Klein). Sempre lembrando que – mesmo gostando de manipular os nós feitos de cordões, Lacan trabalha com projeções – ou, dito de outra forma: imersões no plano  $D^2$ . Precisa disto para criar uma tela de fundo onde delimitar os campos – de gozo, do Inconsciente, do sintoma. (Embora mais tarde ele iria abrir os nós...). Com a imersão ou projeção da cadeia borromeana no plano ( $D^2$ ) *criam-se*, finalmente, espaços. A orientação só faz sentido se os nós forem projetados no plano.

Figura 12 – cadeias borromeanas orientadas



Estes (figura 12) são exemplos da orientação dos nós. Lacan brinca com isto, com a ajuda de seus alunos matemáticos, Michel Thomé e Pierre Soury<sup>14</sup>. Já quando essa cadeia é tomada em um espaço de quatro dimensões ( $D^4$ ) – como quando é feita com cordas, ela até pode ser orientada, para explicar como deve ser montada, mas não há diferença entre seus elos e matematicamente têm todas a mesma classificação que a cadeia a três generalizada – não importa que forma assuma. Nós soltos de cordas são disformes, não param quietos e não se prestam para definir sítios, embora sejam plásticos e fáceis de manejar.

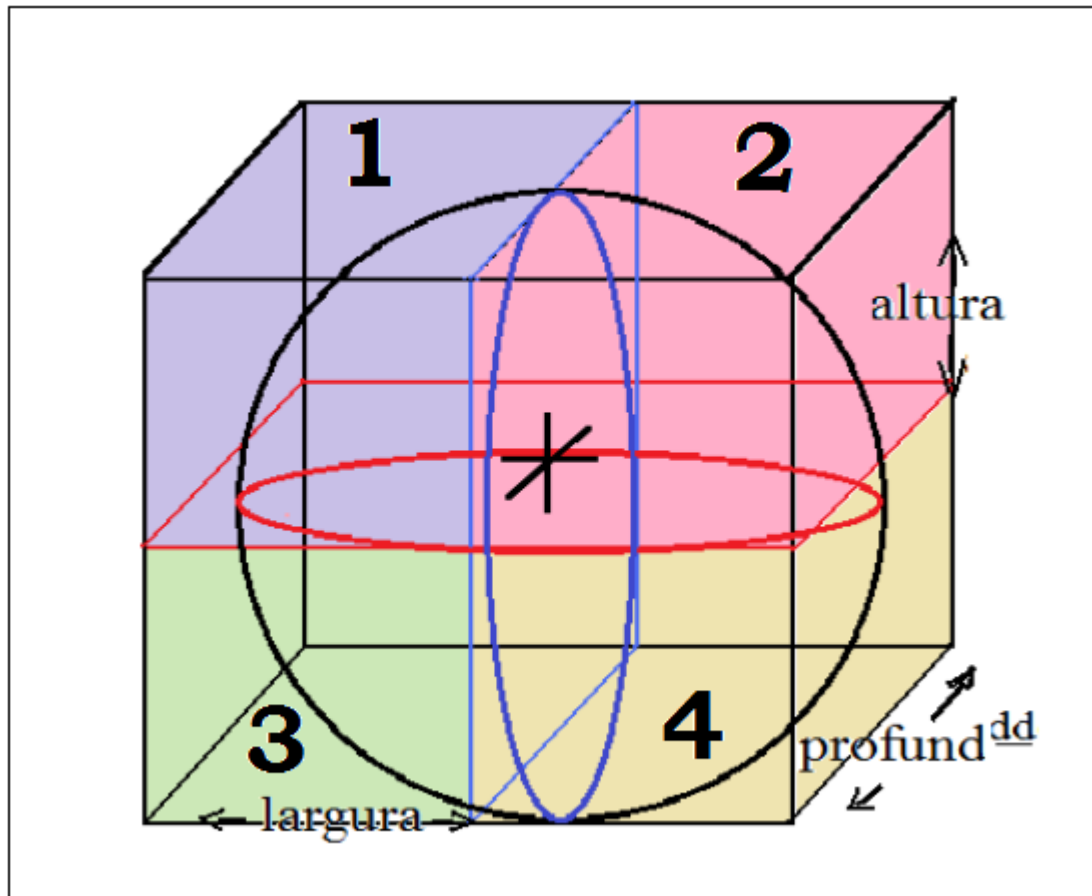
Contudo, os nós sempre podem ser retirados do plano e mergulhados no espaço. Lacan adorava fazer estas passagens entre dimensões. Como vamos ver, o nó da sexuação foi obtido assim.

Sabemos que o significante fálico organiza e, de certa forma, *vetoriza* a rede de significantes, transformando-a num grafo – cujas setas indicam a direção por onde os significantes se comunicam – tanto que, às vezes, pode-se *adivinhar* o que paciente vai associar em seguida. Assim, também, orientar a Cadeia RSI poderia ser um modo de organizá-la, de dar um sentido na amarração do Real, do Simbólico e do Imaginário.

<sup>14</sup> Lacan apresentou todas as possibilidades de giros dos nós no seminário RSI (1974/75). Lição de 18/03/1975.

Retornando ao seminário *Les non-dupes-errent*<sup>15</sup>, Lacan preenche as coordenadas cartesianas em formato de um cubo cartesiano: revelam-se quatro quadrantes<sup>16</sup> principais – diferenciados na figura 11 abaixo – que correspondem ao mergulho do nó *bo* no espaço  $D^3$ . Pelo quê, podemos demonstrar que existe homeomorfismo possível da dita cadeia borromeana e as coordenadas cartesianas, isto é, desde que sejam mergulhadas no espaço-tempo.

Figura 13 – a cadeia borromeana inserida em um cubo cartesiano com os quatro quadrantes principais



Bem, como sabemos, para a lógica da sexuação, Lacan recorre à lógica modal de Aristóteles, conforme a abordagem de Peirce. (Figura 10) São quatro combinações possíveis, entre os dois quantificadores – o Universal e o Particular (A e E virados); o sujeito X; e o operador Fi – no caso – da castração. E há ainda a negação (menos), que deve ir sempre antes – ou sobre – o operador: nunca se nega o quantificador na lógica clássica.<sup>17</sup>

Figura 14 – lógica clássica

<sup>15</sup> Lição XIII, de 14/05/1974 e seguintes.

<sup>16</sup> Isto corresponde também à lógica quaternária de Lacan.

<sup>17</sup> Observem que na lógica clássica nem aparecem as expressões *femininas* – que pode ser uma forma de provar por *Reductio ad absurdum* (forma latina para redução por absurdo ou prova por contradição) que – *A Mulher não existe!*

*lógica modal de Aristóteles*

	<i>afirmativos</i>	<i>negativos</i>
<i>universais</i>	$\forall x. \Phi x$	$\forall x. \bar{\Phi} x$
<i>particulares</i>	$\exists x. \Phi x$	$\exists x. \bar{\Phi} x$

Com a *revolução* de Lacan na lógica, negando os quantificadores, todas as possibilidades seriam:

Figura 15 – todas as possibilidades da fórmula, negando-se os quantificadores

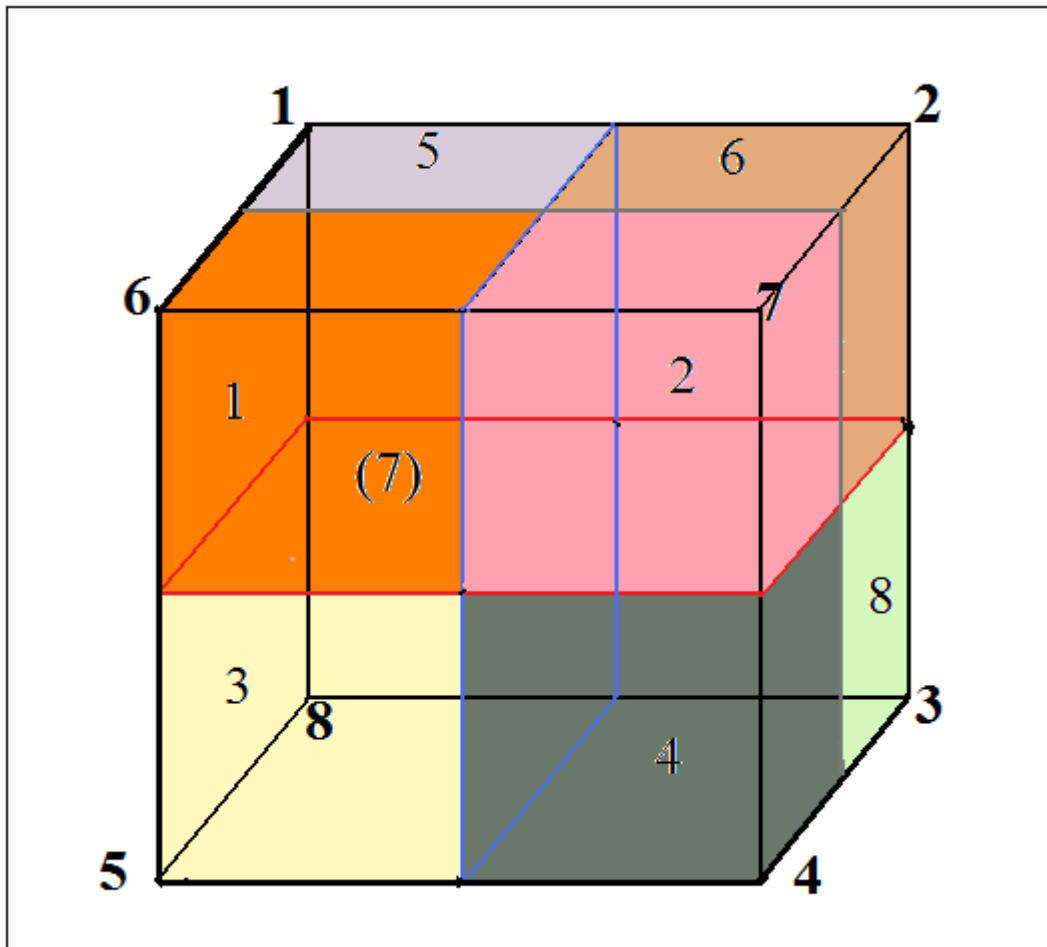
1 = $\forall x. \Phi x$	2 = $\forall x. \bar{\Phi} x$
3 = $\exists x. \Phi x$	4 = $\exists x. \bar{\Phi} x$
5 = $\bar{\forall} x. \Phi x$	6 = $\bar{\forall} x. \bar{\Phi} x$
7 = $\bar{\exists} x. \Phi x$	8 = $\bar{\exists} x. \bar{\Phi} x$

Os quatro primeiros (de 1 a 4) correspondem à lógica modal de Aristóteles. Os assinalados (intercalados) são os de Lacan (1, 4, 5 e 8). Observem que se todas as oito opções fossem válidas, seria uma teoria inconsistente, pois as afirmações se contradizem. Então há que se optar.

Lacan opta por quatro das oito fórmulas, sempre naquela lógica do intervalo: *um-entre-dois*.

Como vimos acima, Lacan, no seminário *Les non-dupes-errent*<sup>18</sup>, faz o seguinte exercício: divide o espaço cartesiano em quatro, depois em oito quadrantes. As oito fórmulas acima poderiam ser representadas nos oito campos ou nos oito vértices do cubo.

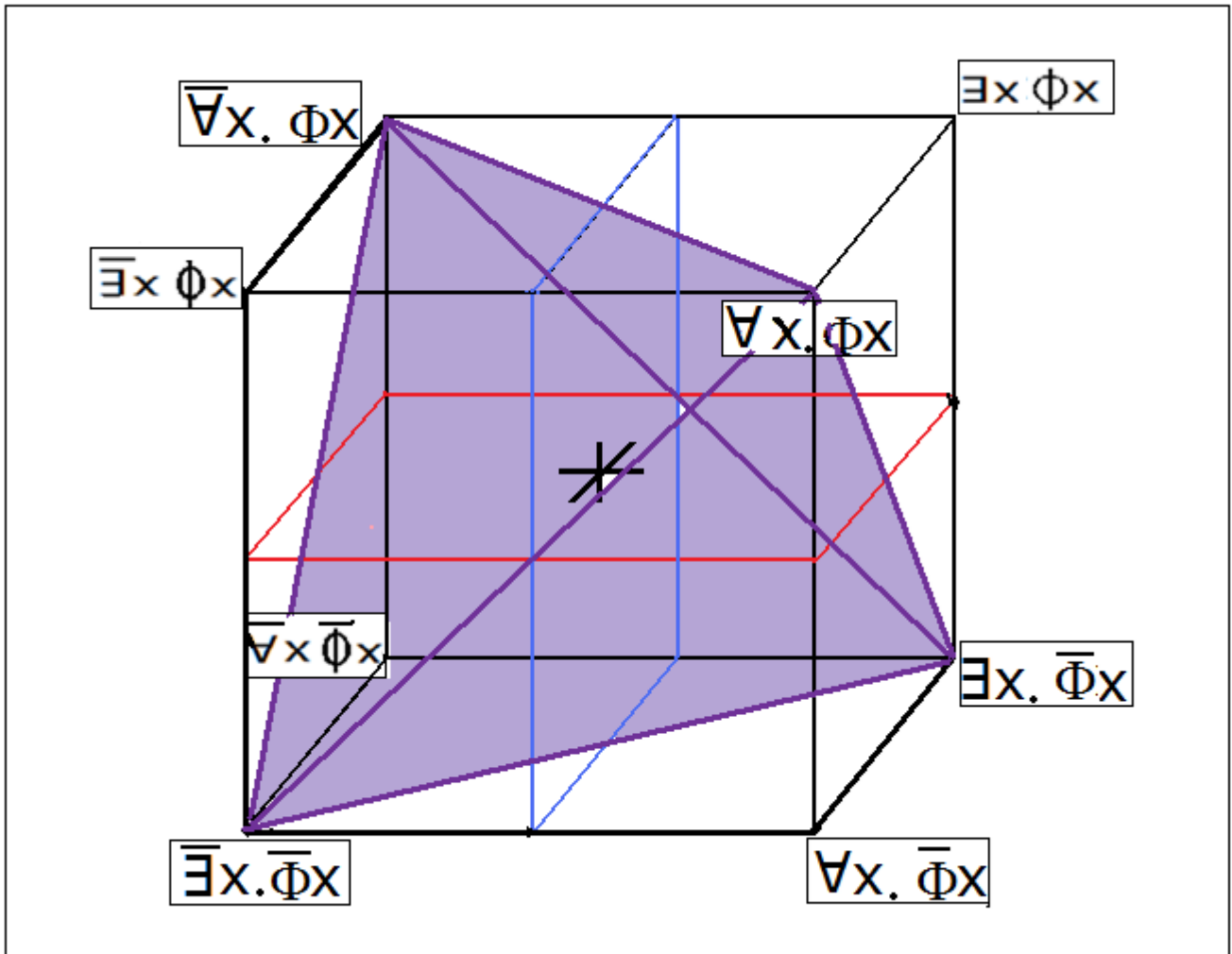
Figura 16 – cubo cartesiano dividido em oito quadrantes



Completando, na figura abaixo, com a aplicação das oito fórmulas nos vértices do cubo (hexaedro).

Figura 17 – as oito possibilidades aplicadas ao cubo

<sup>18</sup> Lição XIII, de 14/05/1974.



Em seguida, Lacan (14/05/1974) retoma o diamante dos primeiros seminários, agora com outra função: em suas pontas serão dispostas as fórmulas da identificação sexual. Ele é, na verdade, uma pirâmide perfeita e pode ser inserida num cubo. Um tetraedro de aresta [ $a = (x \cdot \sqrt{2})$ ], sendo  $x$  = a medida da diagonal do lado do hexaedro onde ele vai ser inserido. Há uma lógica para encaixar: a pirâmide deve ligar *um entre dois* vértices do cubo. Sempre nas diagonais das faces deste, já que o tetraedro tem quatro vértices enquanto que o hexa tem oito!<sup>19</sup>

Lacan escolhe quatro delas... As fórmulas da sexuação são as quatro que ficam nos vértices comuns ao tetra e ao hexaedro.

Figura 18 – as fórmulas da sexuação de Lacan

<sup>19</sup> Neste ponto do seminário, a gente começa a se perder... Mas não se preocupem porque Lacan também está totalmente enredado... Depois a gente se acha – confiem em mim!

$\exists x, \bar{\phi}x$	$\bar{\exists}x, \bar{\phi}x$
$\forall x, \phi x$	$\bar{\forall}x, \phi x$

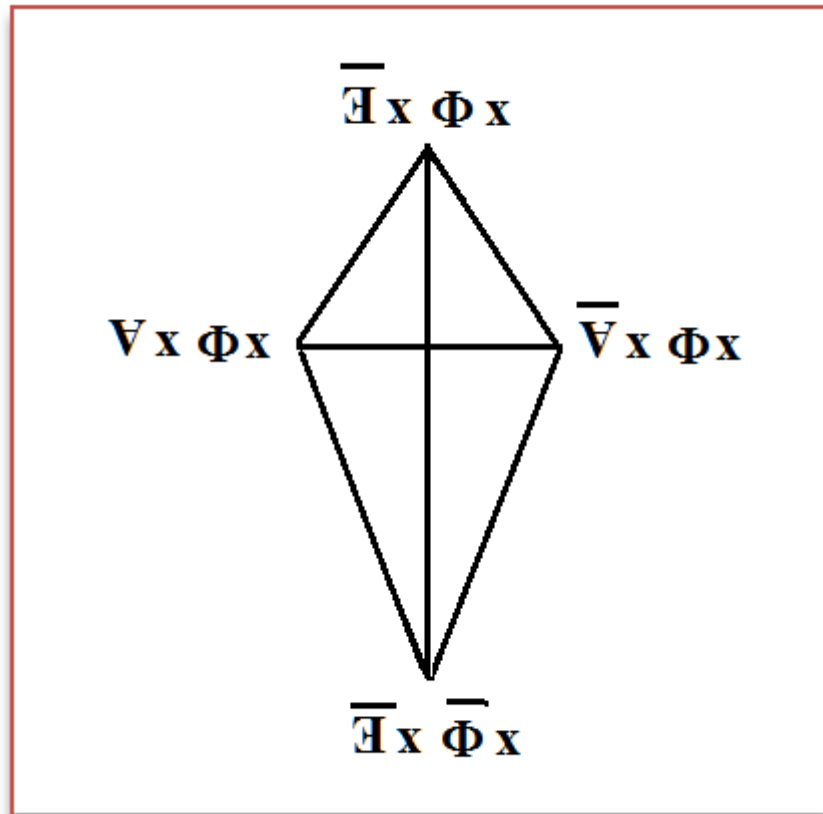
Rigorosamente falando dentro da lógica, os dois lados são equivalentes e se contradizem internamente. Mas, como sempre, se por um lado há um ganho na sintaxe (função na frase), paga-se caro na semântica. Lacan opta pela semântica (significado), violando as regras formais da lógica.

O que dizem suas fórmulas? (Figura 14)

- 1) Do lado *macho*: Todo homem é castrado simbolicamente, mas existe ao menos um que contraria a regra – seria o pai incastrado, o número zero que dá origem à série, ou aquele que organiza o conjunto dos homens, pautado pelo falo.
- 2) Do lado *fêmea*: Não existe nenhuma que não seja castrada fisicamente, isto é, elas não têm o falo no corpo – por isso têm uma relação mais livre com o Nome-do-pai, a dívida não é tão voraz, digamos, como para com os homens que gozam de uma *garantia* maior, porém têm que pagar caro por este *crédito*.

Simplificando, para caber no cubo, deve-se ligar um vértice e pular outro. Há uma estrutura que se repete. Não sei se Lacan se dava conta – creio que não, pois nunca falou disso – de que assim fundava um espaço de Hausdorff: conexo (uma só parte), compacto (sem furos), localmente euclidiano bi-dimensional, ao qual se poderiam aplicar todas as leis da Topologia – homeomorfismos, vizinhanças entre os pontos, e todos os invariantes topológicos.

Figura 19 – o diamante de Lacan



Orientando o tetraedro: com as quatro fórmulas da sexuação, teríamos um grafo, em que todos se comunicam em igualdade de condições.

Nos vértices que são comuns aos dois sólidos – tetra e hexaedro – Lacan aplica as fórmulas da sexuação. Pode-se passar de uma a outra através do caminho escolhido. Por que Lacan visaria a esta *acessibilidade* – de uma a outra fórmula? Parece que quer provar uma passagem possível entre o lado masculino e o lado feminino!

E como passar daí ao nó? Ou seja:

– *Qual a relação entre o nó borromeano e as fórmulas da identificação sexuada?*

Lacan<sup>20</sup> relata que lhe perguntaram em algum lugar – e, como sempre, quando não sabe, ele vai se informar, e refletir antes de responder.

– *Num lugar onde trabalhava, me perguntaram que relação tinha o nó borromeano com o que eu havia enunciado acerca das quatro – diria eu – opções, chamadas de identificação sexuada. Em outros termos, que relação podia ter isto com o “E de X fi de X”<sup>21</sup>; o “E de X não-fi de X”; o “A de X fi de X”; e o “não-A de X fi de X”.<sup>22</sup>*

<sup>20</sup> Seminário *Les non-dupes errent*, lição XIII, de 14/05/74. Versão em PDF pág. 2903. Tradução livre da autora.

<sup>21</sup> Lاپso de Lacan: com certeza queria dizer “Não-Existe X”...

<sup>22</sup> Idem acima.

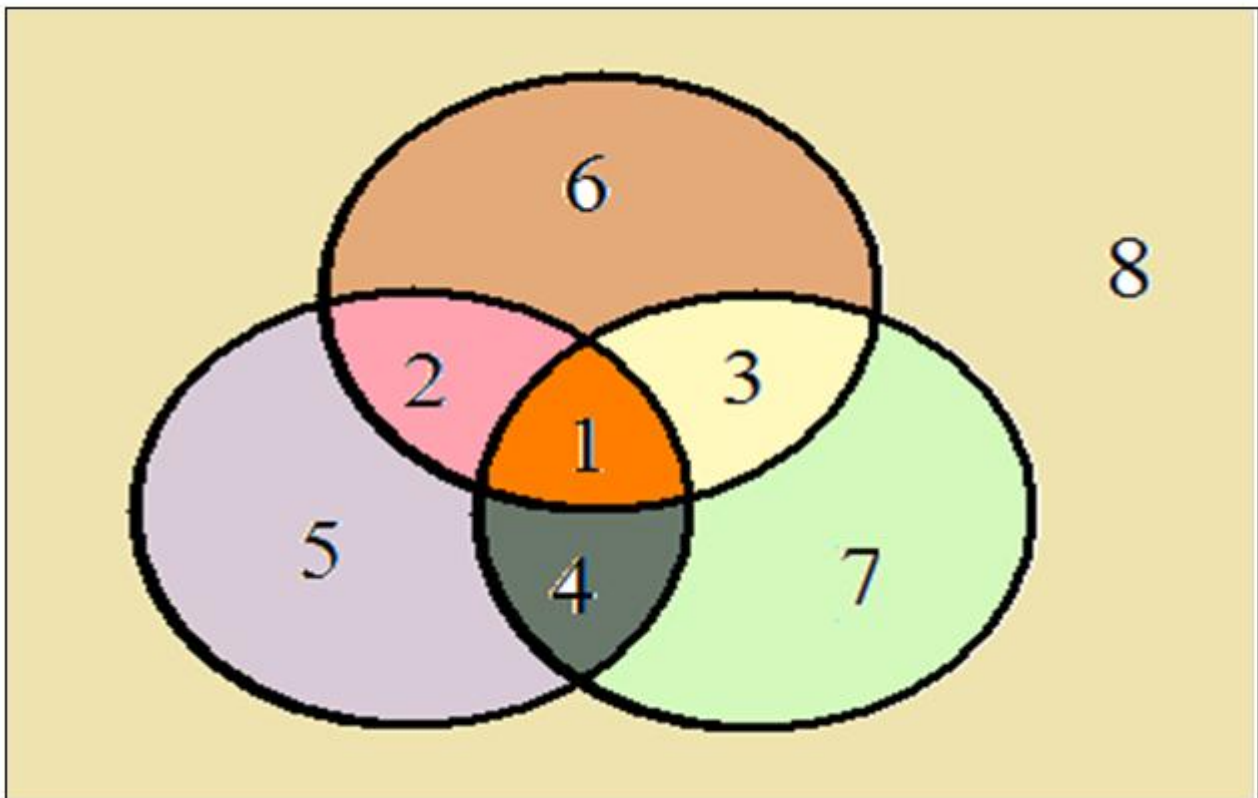


Para dar conta desta questão, faz toda esta passagem relatada acima, que parece forçada: partindo da cadeia borromeana, passa pelos giros dos nós – simplificados em forma de triskel – depois pelas coordenadas cartesianas, daí isto se transforma em um tetraedro inscrito num hexaedro.<sup>23</sup>

Por fim, Lacan chega ao seu “diamante”, um losango, em cujos vértices aplica as fórmulas da sexuação. Ora, para se fazer essa operação, seria preciso sair da geometria (plana) euclideana, para a geometria projetiva – um salto de mais de 2000 anos nas ciências – e daí passar para a teoria dos nós – outro salto a mais um século adiante! Bem, para Lacan estes *pulinhos* eram banais – sua imaginação permitia fazer passagens entre referenciais teóricos, assim como entre dimensões, que somente agora estão sendo aceitos pelas Ciências, e pouco a pouco, sendo formalizados.<sup>24</sup>

Então, se a cadeia borromeana for projetada no plano, quantos campos ela tem? Sete! Para haver isomorfismo entre ele e as coordenadas precisaria ter oito campos... Então, onde se localizaria a oitava? *Existente... (do lado de fora)!*

Figura 20



Voltando ao seminário *Les non-dupes errent*, lição XIII, de 14/05/74: Lacan organiza seu tetraedro em torno de quatro vizinhanças de pontos estrategicamente colocados (dos oito pontos possíveis, escolhe quatro regiões do nó *Bo*: os campos simples de cada nó e o campo central comum aos três).

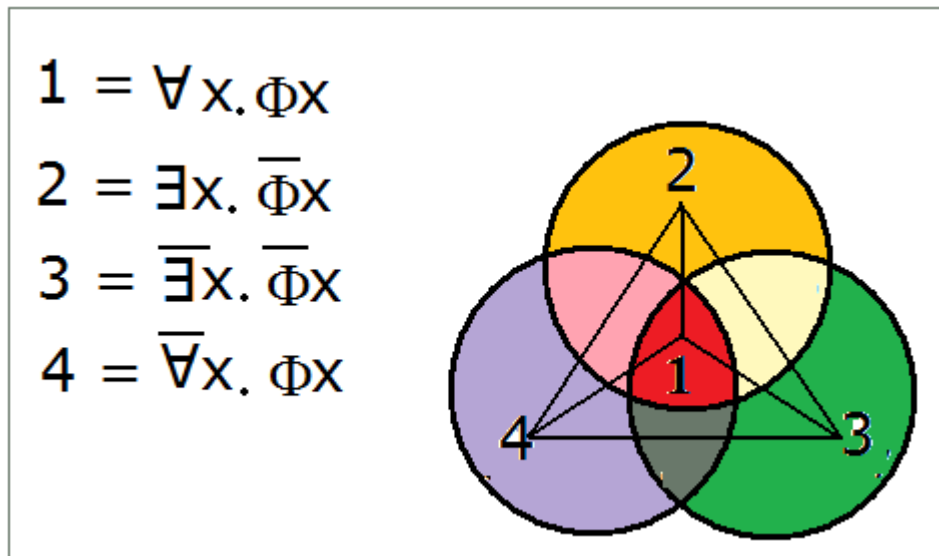
Em cada uma postará uma das fórmulas da sexuação. Todas se comunicam por pelo menos um ponto comum de vizinhança. Lacan consegue assim relacionar as quatro fórmulas com a cadeia borromeana.

“C.Q.D.” - *Como Queria Demonstrar!*

<sup>23</sup> Ou seja, um cubo com uma pirâmide dentro dele – que foi a imagem que me inspirou, anos atrás, para fazer o selo dos 10 anos da APPOA.

<sup>24</sup> Sobre isso, ver também Víctora, 2008.

Figura 22 – as fórmulas da sexuação no nó borromeu



Lembrando que, para essas operações serem possíveis, é preciso projetar os nós no plano  $D^2$ : é necessária a consistência do plano de fundo para poder ocupar as áreas intersticiais.

O que Lacan quer provar com isso? Palpites:

1. Simbolizar a passagem possível de um sexo ao outro? – E ainda, sem mudar o nó?!
2. Demonstrar que seja qual for a identificação sexual – masculina ou feminina – todas são marcadas – e até mesmo *determinadas* – pela castração?
3. Que, tanto faz, macho, ou fêmea, ou numa das oito fórmulas possíveis – o sujeito neurótico tem o mesmo nó, e este é borromeu?
4. Ou ainda (cf. Darmon<sup>25</sup>) porque, para passar de uma posição masculina a uma feminina ou vice-versa, não basta uma operação *I, R ou S*, mas se tem que mexer – fazer um *rebatimento* – com pelo menos dois dos seus componentes?
5. Ou: todas opções são verdadeiras!

### III. Momento de concluir, ou melhor, de *desconstruir* a cadeia borromeana

Agora o pulo do gato.

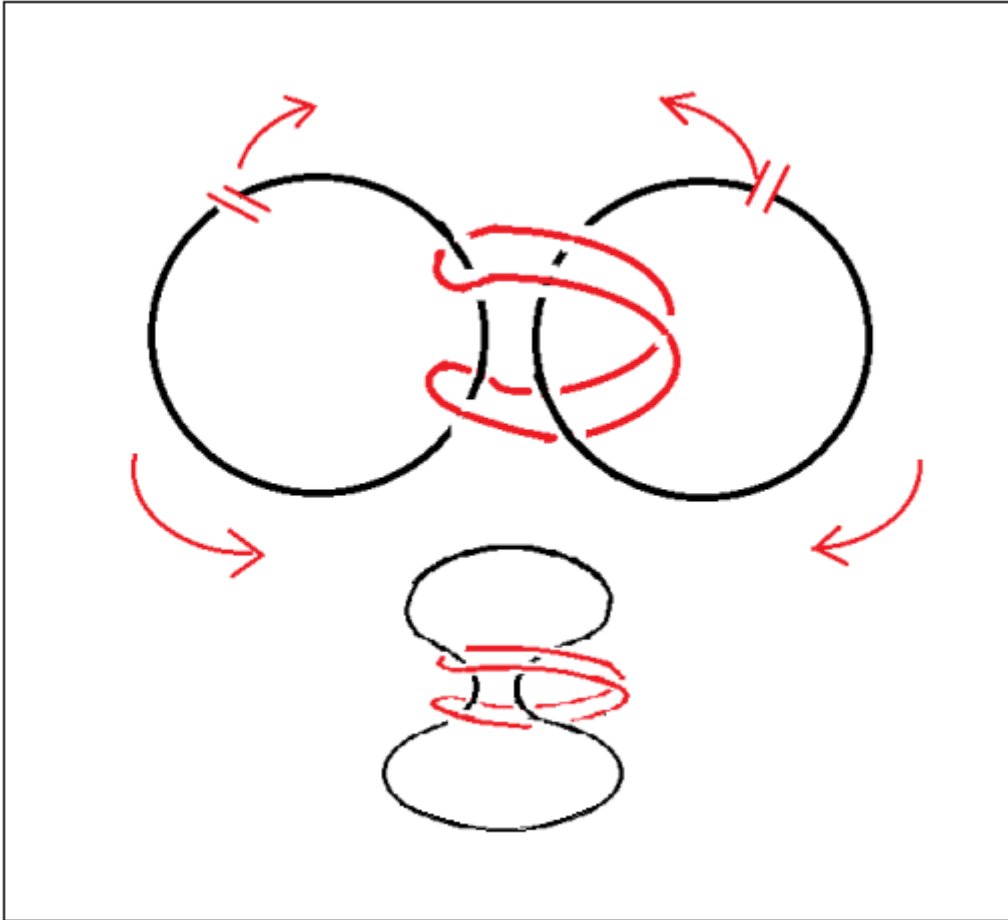
Mais dois anos se passam, e estamos no seminário *Le Sinthome*. Lacan (1976)<sup>26</sup> já utiliza as cadeias a quatro elos livres e está muito mais ousado em suas cirurgias com os nós.

Lacan faz mais uma *depuração*: *enxuga* o nó borromeu de três para formar o nó do fantasma, de dois elos – através da *homogeneização das cadeias extremas (sic)*. Conforme Marc Darmon (2004), seria a junção dos nós do Simbólico e do Imaginário, a exemplo do Esquema R, em que o Real, fica no meio, unindo as outras duas consistências. (Demonstração).

<sup>25</sup> Pág. 377.

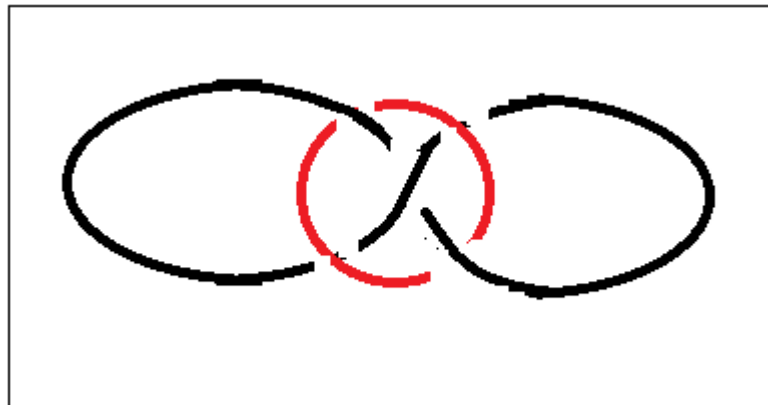
<sup>26</sup> Lição VII, de 17/02/1976. (Versão em PDF: pág.3042)

Figura 19 – a redução de três para dois elos



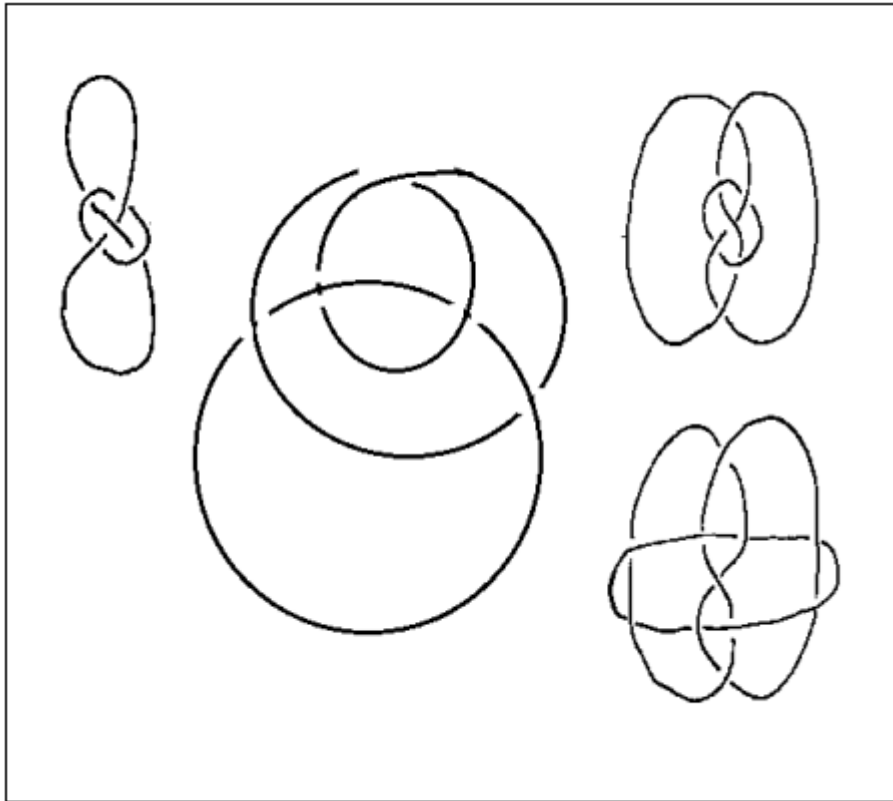
Esta cirurgia não é possível sem se cortar os dois elos das pontas e ligá-los – logo, *não* repetindo as antigas vizinhanças, mas mantendo o mesmo material inicial – isto é, para pensar clinicamente, os significantes da rede do paciente são os mesmos, só serão costurados em diferentes arranjos. Isso demonstra como na direção do tratamento, o analista precisa cortar o discurso – com as pontuações, interpretação – resguardando a história do paciente, que não muda, só vai ser lida de outro jeito.

Figura 20 – o nó do fantasma



O nó do fantasma, que é o mesmo nó da relação sexual... É a chamada cadeia de Whitehead<sup>27</sup> (matemático que formalizou esta cadeia de dois nós), de 1934.  
Sua notação é: (Figura 21)

Figura 22 – cadeias de Whitehead



Todas essas são cadeias de Whitehead. Lacan diferencia *imaginariamente* cada uma, como sendo os nós da relação sexual, da não-relação sexual e do fantasma... Mas, matematicamente, são todas a mesma cadeia. Vejam que fechamos o círculo com o que eu disse no início, e que Lacan falara quando da apresentação do nó – que ele tratava do diálogo de Platão *Parmênides*, sobre o Um e o Outro – uma *relação entre dois termos*. Agora, Lacan (1976) se interroga sobre *os dois modos* possíveis de amarração entre homem e mulher. Sua demonstração<sup>28</sup> é difícil, mas ele brinca com a cadeia de Whitehead, intercambiando os nós – sendo um em forma de infinito, outro em forma de círculo – mostrando que ambos se encontram em igual posição. Utiliza esta cadeia a dois nós livres para demonstrar que não se pode escrever logicamente a relação sexual, uma vez que ambos são iguais, logo, não podem fazer uma *função matemática*, a não ser a da própria igualdade. Conforme Lacan, uma *relação*, no sentido estrito, só existiria se *não* houvesse equivalência entre os dois termos. Nesta lógica – formal – somente se admitir a diferença sexual poderia haver relação. Mesmo que não ocorra formalmente, mas a relação se dá pelo sintoma. Só existe relação na medida em que há sintoma – diz Lacan nesta lição.<sup>29</sup>

O que podemos retirar disso sobre a sexuação? Que a problemática da relação masculino-feminino é um *fato de escritura e de inscrição na linguagem*.

<sup>27</sup> Alfred North Whitehead, (1861 - 1947), matemático e filósofo inglês.

<sup>28</sup> Lacan. Seminário Le sinthome, lição VII, de 17/02/76, versão PDF pág. 3039.

<sup>29</sup> Idem, ibidem.

Logo, a sexuação – como todo discurso – é um *ato simbólico*. Não fosse assim, seria um *acting-out* ou uma passagem ao ato, um ato *en-corps*. Enquanto que, sendo um ato simbólico – assim como o ato analítico, ou o ato de declaração da Independência, etc... – é acima de tudo ato de linguagem. – *Eu declaro solenemente, que sou...* Cada um em algum momento da vida faz a sua *declaração de sexo*.

Pois nós entendemos, como Freud e Lacan, que um Sujeito humano é um ser feito e efeito de significantes, logo seus atos são atos de linguagem. O nó Borromeu de Lacan é uma escritura formal, matematizável, de como se mantêm juntos – pelas leis da linguagem – o real, o simbólico e o imaginário para um sujeito. Justamente para dar conta desta escrita formal, Lacan precisou utilizar a Topologia e a teoria dos nós: para escrever formalmente o sujeito e suas relações com seu objeto de desejo.

#### BIBLIOGRAFIA:

DARMON, Marc. *Essais sur la Topologie Lacanienne*. Ed. Interna da Associação lacaniana internacional. Segunda edição. Paris, 2004.

LACAN. J.M. Seminários originais em francês, disponíveis no site [www.gagoa.free.fr](http://www.gagoa.free.fr)  
Acesso em 27/06/2013.

1971-1972. Seminário *Ou pire*. Lição de 09/02/1972.

1972-73. Seminário *Encore*. Lição X, de 15/05/1973.

1973-74. Seminário *Les non-dupes errent*. Lição XIII, de 14/05/1974. Pág.2899.

1975-76. Seminário *Le Sinthome*. Lição VII, 17/02/1976. Pág.3039.

LANDMAN, Claude. 2010. *O nó do fantasma*. La Revue Lacanienne, nº 6. Pág.31.

VÍCTORA, L.G. 2008. *Notas sobre o Seminário Topologia e Tempo*. Correio da APPOA nº 175. Dez. 2008.

---

#### <sup>1</sup> [ESTA NOTA PODE SER SUPRIMIDA]

Gosto de retomar esse momento inaugural da teoria dos nós na obra de Lacan, porque é quando ele passa a ter uma abordagem simbólica do sujeito. Assim como 10 anos antes, no seminário *A Identificação* (1961-62), com o toro e o plano-projetivo/*cross-cap*, ele implantara uma textura imaginária para o corpo. É importante observar esta mudança de paradigma. O mesmo ocorre também na construção do conceito de Fantasma, quando ele passa dos *matemas* (do Grafo, Real), à Topologia (texturas, Imaginário) aos nós (escritura, Simbólico).

Gostaria de ressaltar, ainda, como foi importante a descoberta da cadeia borromeana no percurso de Lacan. Observem que, em *Encore* e *RSI*, ele utiliza o nó como uma *função* matemática: *A* está para *B*, assim como *B* está para *C*. os três têm entre si uma função de igualdade – todos eles estão em iguais condições – era o ele queria demonstrar, que não havia privilégios entre R, S e I.